



Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

CARDEAL CEREJEIRA

Das suas mãos nasceram sacerdotes três dos «padres da rua». Mas de muito antes se vinculara: primeiro ao Pai Américo, ao tempo ainda seminarista e ele apenas sacerdote e professor universitário; depois à Obra, ao entregar-lhe a quinta e o velho palácio patriarcal onde começou (e em parte ainda continua) a Casa do Gaiato do Tojal.

Daquele homem maduro e aparentemente estranho, a romper as malhas apertadas dos Seminários de então, o Doutor Gonçalves Cerejeira foi um orientador espiritual e dos poucos que cedo lhe adivinhou a medida incomum que atingiria o seu sacerdócio. Rogado a falar-nos desses tempos de luta em que Pai Américo preparou «em espírito de humildade e coração contrito» a oblação de si-mesmo, o sacrifício agradável ao Senhor — o Senhor Cardeal sempre se escusou, com receio de misturar recordações e profanar segredos que lhe não pertenciam. Mas sempre palpitava do seu escrúpulo uma amizade e admiração que vinham de longe.

Assim como Pai Américo, ao longo da vida, jamais perdeu o costume de lhe propor as suas audácias e de o escutar sobre elas e em todos os momentos cruciais da Obra da Rua — o que, muitas vezes, ele próprio exprimiu nos seus escritos.

O ter chamado a Obra à sua diocese; o ter-lhe dado três dos seus padres, ele que nunca os teve em demasia — foi o corolário de uma relação íntima que já era e, com certeza, se intensificou e mais o comprometeu na Obra da Rua.

Continua na QUARTA página

Tribuna de Coimbra

Chegámos já tarde, vindo das termas do Luso e da praia de S. Martinho do Porto. Falámos e pedimos nas Missas. A Palavra do Senhor continua a ser impertinente. Inquieta. Diz que veio trazer o Fogo à Terra e é necessário que esse Fogo seja ateado. E o Fogo ateado há-de aquecer os corações. O coração do homem, aquecido pelo Fogo do Espírito do Senhor, tem de querer e fazer o bem.

A palavra de Maria, Mãe de Jesus e nossa Mãe, é palavra de compromisso. O seu SIM dado ao Anjo mensageiro de Deus é um sim de disponibilidade de servir. Servir a Deus e servir os Irmãos. Aceitar ser Mãe de Jesus e partir logo para servir Isabel. Deixar Sua casa e não olhar a incómodos, nem distância do caminho?

Ouvir e aceitar a voz de Deus é a grande felicidade do homem na vida terrena. Ele continua a fazer grandes coisas em todos aqueles que são humildes. Ele continua a encher de bens os que se apresentam como pobres. Ele continua a matar a fome a todos

os que andam famintos de justiça e amor.

Quantos nos escutaram pareceram-nos atentos e receptivos. Quase sempre no fim alguém veio agradecer a mensagem. A nossa passagem com as sacas foi encontro de pão repartido. A saída os nossos receberam muitos beijos e sinais de carinho.

Um bom e velho amigo dizia-nos com muita alegria: — Eu noto que todos vos amam e os pais rodeados dos filhos repartem ofertas e pro-

curam que todos ofereçam. É sempre maravilhosa a vossa presença.

Se não fosse a Mensagem do Senhor, que é sempre maravilhosa, muitas vezes não teríamos forças para andar de terra em terra. Mas também o nosso sim nos compromete e nos faz girar. Havemos de continuar a conhecer o Senhor no reparar do pão. Pão da Sua Palavra e pão que mate a fome do homem.

Padre Horácio

Partilhando

● O trabalho é uma obrigação social tão forte nos nossos dias, que a necessidade de sobrevivência e conforto o vai transformando cada vez mais em direito. O direito

ao trabalho é já um grito de angústia que o homem de agora lança, porque a força de suas mãos e da sua dignidade tantas vezes estão ao serviço dos lucros materiais. Ou isto ou nada... E o Homem? E a vida? E o essencial? Um vazio que, ora se procura encher no pensamento e nas palavras, ora se deixa no esquecimento...

Hoje mesmo, o «Tiroliro» veio trazer parte da explicação de todo um sofrimento humano criado pelo Homem, ao dizer, a brincar: «O Adão comeu a maçã e nós gramamos o caroço». A filosofia do povo na boca de um pequeno homem! É isso mesmo. A troca da ambição e do egoísmo e do orgulho lá se vai a liberdade e continua a ir... Ontem e hoje, tudo muito igual!

● Há mais caras novas, na nossa Casa. Um deles é o Alvaro, irmão do Vítor pequenino. Faz parte do grupo da «lenha» — o grupo do desdobramento. E a sulfatação do vinho, é a limpeza das ruas, é a apanha da batata, é a copa. Muitas coisas... E há dias era o sulfato. Por acaso choveu

Cont. na 4.ª pág.

TRABALHO

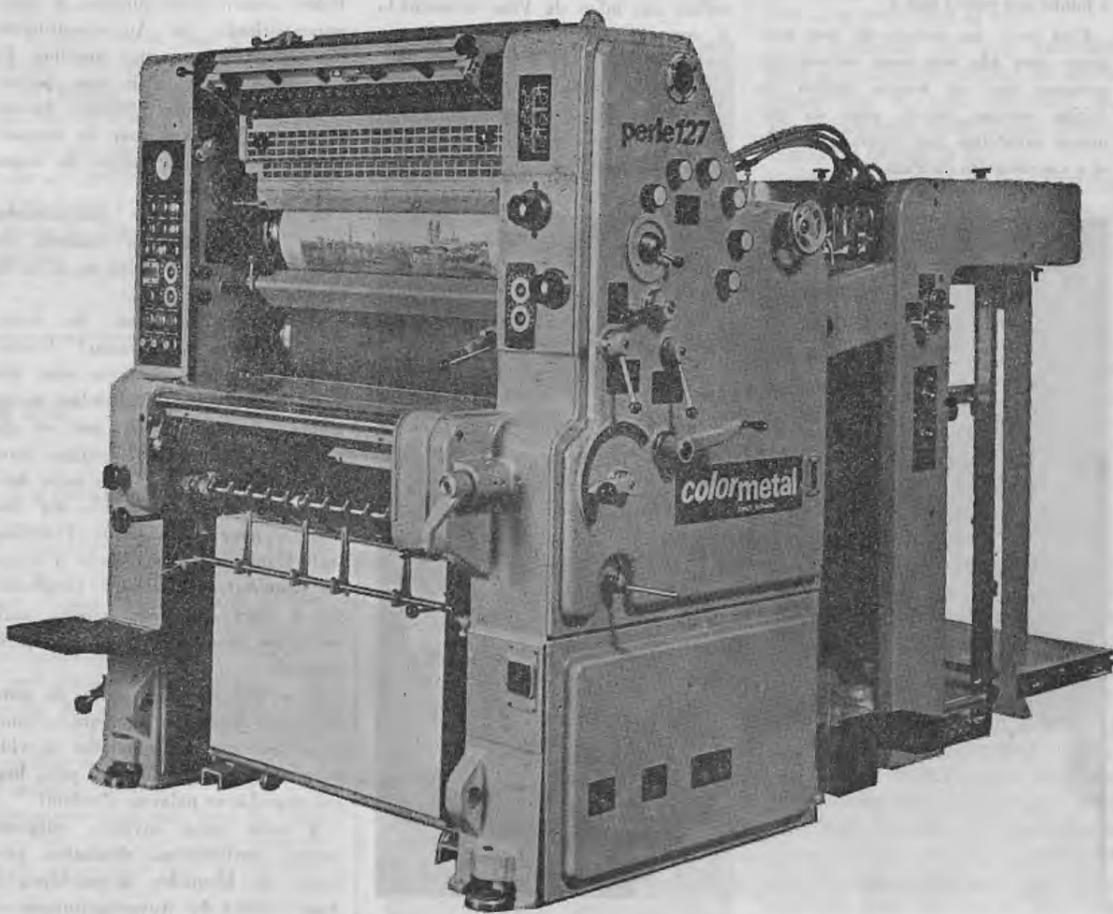
O nosso Padre Carlos já referiu, na última edição, a compra de uma máquina offset, e respectivo material fotolito, para a oficina de Paço de Sousa, com um «pontapé de saída» de casal amigo — em «memória» do filho.

Hoje, damos à estampa a gravura da nova unidade que beneficiará, extraordinariamente, a formação profissional dos nossos Rapazes — objectivo primário da transacção.

Há que acompanhar o progresso tecnológico, na medida das nossas possibilidades. Temos de procurar fornecer aos Rapazes formação actualizada, de acordo com as necessidades do mercado de trabalho.

Em uma grande empresa que visitámos, há dias, e que tem formado o pessoal intra-muros, um dos gerentes, entusiasmado com a nossa ideia, prometeu, logo que tenhamos um

Cont. na 4.ª pág.



Cont. na 4.ª pág.

PELAS CASAS DO GALATO

Azurara

Vou contar um pouco sobre as férias na praia de Azurara.

O nosso turno, o segundo, foi muito bom, com o José António Póvoa e o Costa no comando.

O pior de tudo foi o tempo, sempre muito aborrecido e cheio de nevoeiro.

Estiveram connosco três dos nossos casados: Bernardino, José Ferreira e Serafim — nossos amigos.

O Armindo despachou duzentos jornais. Foi à fábrica do queijo, que de há muitos anos oferece um queijo a cada turno. Bateu, ainda, à porta da fábrica das sardinhas. Só a dos chocolates estava fechada, com o pessoal em férias.

O Armindo trabalhou muito! Dizem os nossos chefes que o segundo turno correu muitíssimo bem. Realizámos uma festazinha, porque o Celso fez anos. Festa pequena, muito bonita e alegre.

Estiveram, ainda, connosco o Quim de Malanje e o Manuel da Cunha ora em serviço militar.

Regressámos no dia 11 de Agosto. Só o «China» veio mais triste. Tinha lá o seu namorico. Mas a doença já lhe passou.

Vamos falar um pouco mais do Armindo, sinal de que ele goza de muita fama:

Ele chegou a andar de barco!

— Porque andas de barco?, perguntámos.

— Pedi aos pescadores para me treinar, para ir à corrida dos barcos.

Andou assim até ao fim das férias. Só comia e fazia a sua obrigação. E quando nós dávamos por ela já navegava!

Não dizia mal de ninguém, não aborrecia ninguém. Simplesmente nos disse que se lá ficasse mais uns dias se empregaria numa firma de barcos...

Está agora, por Azurara, o terceiro turno. Desejamos a todos boas férias e que se não queimem muito.

Por fim, será o quarto turno sob o comando do nosso chefe, o Jorge Alvor («Eusébio»).

Hermínio

Ericeira

Caros leitores, na hora em que vos escrevo os rapazes do primeiro grupo já gozaram as suas férias.

O primeiro grupo era formado pelos mais pequenitos da Casa, os vendedores e os «Batatinhas», num total de 34 rapazes, chefiados pelo nosso sub-chefe o «Cebolinha».

No dia em que chegámos à Ericeira encontrámos o gradeamento de grés da nossa Capela todo rebentado; a janela que dá para a camarata dos mais pequenos, também; os armários partidos; muitos vidros e algumas telhas estilhaçadas. Quando é que estes actos de vandalismo terminam?

Mas, como ia a dizer, na segunda-feira, dia 18 de Julho, começámos a limpar aquilo tudo; foi uma roda

viva. Uns arrumavam, outros limpavam, outros faziam as camas, outros faziam o almoço; todos trabalhavam. Quando chegaram os rapazes da segunda «carrada» já tudo estava mais ou menos arrumado e limpo.

Os vendedores portaram-se muito bem, pois no sábado venderam 600 jornais na Ericeira.

Na primeira semana o tempo não estava lá muito bom para irmos à praia tomar a banheira da série, mas foi muito bem passado; uns jogavam futebol, outros jogavam as cartas e, às vezes, quando tudo estava bom, lá íamos à praia.

Fomos também ao pinhal, pois os rapazes queriam trazer pinhas; mas também houve quem exagerasse, como por exemplo o nosso Valdemar, que trouxe uma saca de 50 kg cheia de pinhas!

Depois foi a abalada para o Tojal, com a tristeza dos que vinham e com a alegria dos que iam passar as suas merecidas férias.

«Pato Bravo»

Paço de Sousa

ANTIGOS — Visitou-nos, e mais directamente o irmão, o ex-«Gato Félix» que esteve connosco poucos momentos, mas que apreciámos.

Ainda, e novamente, o ex-«Aranha» que se encontra em França e quase todos os anos por aqui passa.

Boa sorte para ambos. E obrigado pela visita.

PARTIDA — Seguiu há poucos dias para Angola o nosso P.e Carlos.

Na Capela, à despedida, afirmou: — «Vou levar paz aos nossos das Casas de África. Mas essa paz não posso ser só eu a dar-lha, tenho que possuir a vossa ajuda, pois sem ela a minha paz pouco vale.»

Pois bem, na certeza de que connosco essa paz será mais valiosa, esperamos que os nossos irmãos de África estejam, agora, mais do que nunca satisfeitos por terem junto de si o «mensageiro da Paz».

NA MESA — Disse ao refeiteiro do nossa mesa para se apressar a trazer comida para a dos «condes» — frase muito usada para darmos um certo realce aos que já cumpriram o serviço militar.

Na minha mesa há um rapaz com o apelido de «Duque»; claro está, deu logo a sua gracinha:

— Já não sou «conde» mas «duque»!

Aceitei a opinião.

FESTA — Dia 15 de Agosto, festa de Paço de Sousa.

Todos recebemos moedas para gastarmos no que melhor entendéssemos. A música começou logo pela manhã. Os foguetes, acordaram toda a gente sobressaltada.

Lá fora... ouviam-se os «Zés Preiros» nos batiques característicos.

A festa pareceu divertida, pois à noite a miudagem andava toda com óculos (brinquedos), balões, rebuçados, etc.

VISITA — O P.e Elias esteve connosco. Os pequenitos não faziam outra coisa senão pedir-lhe que tirasse fotos. Claro está que somos muitos e não poderia fotografar tanta gente. Por isso, ninguém foi contemplado. Esteve cá pouco tempo!

Obrigado e venha sempre.

PRAIAS — Está de férias o 3.º turno. Muito silêncio tem havido por parte desses meninos na praia!

Será que ela não vos inspira qualquer coisa para poderdes escrever uma nota sobre as vossas férias?

Vamos! Mãos à obra. E boas férias.

FACTOS — Enquanto os do 2.º turno estavam na praia, fui nomeado para tomar conta da mesa dos «Batatinhas».

Verifiquei — pelos vícios que apanharam lá fora — que é muito difícil pô-los a comer em ordem.

Por exemplo, tive de pôr a colher nas mãos do Vítor e ensiná-lo a comer como os outros. Recusou-se!...

Regressa muito devagarinho ao pé de mim e diz para o desculpar que, para a próxima, já traria sempre as mãos lavadas. E se o tivesse castiga-

do teria coragem de me pedir desculpa? O castigo nem sempre resulta; mas, por vezes, tem de ser aplicado quer queiramos quer não.

Por regra, e também por boa educação, os rapazes têm de estar à mesa com as mãos e cara lavados.

O Agostinho apareceu sem lavar as mãos. Não tive mais nada senão obrigá-lo a ser limpo.

— O «Cibinho» comeu com a mão, diz o Ferreirinha.

Tento averiguar se realmente é verdade. E foi.

Perguntei se o tinham ensinado a comer assim. Responde que não. Mas como não lhe tinham dado pão...

Agora, no Verão, a água fica bastante quente para ser bebida sem umas pedrinhas de gelo. Geralmente, o «Eusébio» é quem distribui o gelo pelas mesas.

Na dos «Batatinhas» estava a cântara onde foi deitado o gelo. «Tó» pega logo nela e tira uma pedra. Eu observava em silêncio só para ver o que faria com ele. Mete-o na boca! É sempre isto! Outras vezes, quando a água está fresca é logo um barulho infernal porque todos querem beber e depois não chega!

AGRADECIMENTO — Quero agradecer os cumprimentos e abraços que os meus amigos lisboetas se lembraram de enviar pelo nosso chefe «Eusébio».

Desde já vos mando a mesma mensagem: um grande abraço para todos vós!

«Marcelino»

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

AUTO-CONSTRUÇÃO — Não há reunião da nossa equipa sem que apareça um ou outro recoveiro dos Pobres com o relato sumário, às vezes pommenorizado, de Auto-construtores que solicitam pequenos auxílios. E, nos dias d'hoje, mais que pequenos, pequeníssimos: 3.000\$00. Apesar disso, tem sido um voar de massas! É das horas mais felizes do nosso encontro espiritual!

A maior parte dos Auto-construtores são jovens ou homens de meia idade. Muitos deles tu cá tu lá com os vicentinos.

O exemplo de um, de todos, arrasta. Tem de arrastar! Porque a Auto-construção do meio rural não vive de filosofias sofisticadas, muito menos de palavreado oco — em voga. Trabalha-se de mangas arregaçadas, de sol a sol, pela noite dentro, com o cinto apertado — em dias úteis e nos tempos livres. Trabalha-se! Mãos calejadas, dando o corpo ao manifesto. Outrossim fortalecendo a alma em obras válidas, muitas vezes inconcebíveis para os mais cépticos.

É o que não faz muita da nova burguesia proletária reinante..., como se a melhoria das condições de vida surgisse, como por milagre, pelos braços cruzados ou palavras d'ordem!

A cada passo ouvimos, religiosamente, confidências, desabaços, protestos de bloqueios inconcebíveis à gesta heróica dos Auto-construtores — autênticos revolucionários pacíficos. E

não podemos ficar insensíveis. *Exploremos!* E, de mãos dadas, procuramos resolver os problemas — dentro das nossas limitações.

Queríamos que todos, mas todos!, os responsáveis do País — da burocracia aos altos gestores da administração pública — sofressem no corpo uma milésima parte do calvário destes cidadãos; queríamos. Seria a melhor forma de concretizarem, legislativa e administrativamente, na prática, a doutrina consignada na Lei fundamental do País; e, assim, se resolveriam muitas das omissões e bloqueios de que os Auto-construtores são vítimas indefesas.

PARTILHA — Logo à entrada um pároco da diocese do Porto:

«Para comemorar mais um aniversário da minha ordenação sacerdotal envio 1.000\$00 cuja aplicação fica à vossa disposição.»

Sublinhamos o valor intrínseco desta presença mai-lo sentido universalista da caridade cristã.

Que Deus o ajude no seu ministério, em benefício da comunidade que pastorea — e da Igreja que somos todos.

Mais 500\$00 «para uma necessidade mais urgente dos Pobres». Veio de Coimbra. «Com toda a fraternidade» recebemos 2.400\$00 de «Uma Assinante do Seixal» como «partilha dos salários de Julho e Agosto». Presença muito certa!

Velho amigo do Fundão com 250\$00, «quantia que me parece pouco devida, por não ter estado ao serviço durante meses. E este foi o melhor destino (assim me parece) para corrigir a «burocracia».

Madalena, de Lisboa, com 1.000\$00. Ainda da capital, 100\$00 da rua Pascoal de Melo. Quatro vezes mais de Costa de Castelos. Amigos de D. António Barroso, 20\$00. Outra vez Lisboa:

«Aqui vão 200\$00 para a vossa Conferência, referentes aos meses de Julho e Agosto, da amiga de todos vós, sempre sensibilizada e acompanhando-vos em todos os casos tão graves e tristes; e o pior podendo ser resolvidos se houvesse mais gente de boa vontade envolvida nos problemas.»

De Oliveira do Douro — que persistência! — vieram 500\$00 «em memória de meus pais e sogros que Deus já chamou».

Paço de Arcos 500\$00. Convém, realmente, escrever sempre que mandar um vale do correio; até por via da nossa contabilidade. Assim, logo sabemos o destino ou destinos da importância. E continue a tratar-nos com a familiaridade de sempre.

Mais 1.000\$00 de Lisboa «para o que de momento achei de maior necessidade». Delicadeza! Outra remessa da rua Pascoal de Melo. E 150\$00 da assinante 17022 e seu marido. Mais Paço de Arcos com 400\$00. E outros 1.000\$00 sufragando a alma de uma senhora «muito amiga da Obra da Rua. É a minha



Éis o filho do nosso Manuel Milheiro que trabalha na Suíça



As últimas notícias dadas por P.e Horácio e por mim sobre casos gritantes de habitação, movimentaram muita gente. De acostumados, a reacção não surpreendeu.

Se com estes casos se arrumasse o assunto, que bom era! Porém, o assunto compõe-se de casos, sim, mas é um estado de chaga viva que cobre o corpo que é o País. Não é comover o que nós intentamos, quando se revelam dores localizadas. É mobilizar a consciência dos Portugueses para a grandeza do problema, que, infelizmente, demorará muito a resolver, mesmo que todos nos sintamos comprometidos na solução e nos demos generosamente a ela. Se nos desquitarmos com o óbulo que um determinado caso suscitou e adormecermos

AGORA

sobre ele, então é que a cura total jamais chegará.

Nós não somos fatalistas; não acreditamos que sempre assim foi e sempre assim será. Pode não ser. Deve não ser. Mas isso implica uma decisão em acto, que durará gerações, mas tem de ser a decisão de todos nós: guerra à barraca, à toca, à mansarda, à promiscuidade em que se vive sob aparências que

iludem mas não destroem uma realidade desgraçada.

Nem vamos atirar para os outros a obrigação. Nem esperar que seja o Estado e outros órgãos da coisa pública a remediar. A eles compete-lhes eminentemente, é certo. Mas a sua própria grandeza os torna lentos na acção. A inércia, a burocracia, os segundos sentidos de conveniência política emperram

e relativizam as prioridades. E depois, o problema é tão vasto e profundo que dá lugar a todos e não nos torna demais. O pouco que cada qual possa fazer no seu raio de acção é um bem que fica feito e uma diminuição do mal. É o cristianíssimo amar o Próximo, o que está ao nosso alcance, o que podemos ajudar com os nossos pequeninos meios — o que, se quantos se dizem cristãos fizessem, renovaria a face da Terra.

Manuel Pinto deu-me apontamento de quanto passou por nossas mãos em 1976: 795 contos. Insignificante quantia quando, a torto e a direito, se houve falar em milhões de contos para isto e aquilo — milhões que não há senão na imaginação dos que o dizem; e isto e aquilo que nunca mais aparece.

Estes 795 contos andaram e foram a garantia de telhados a 160 famílias. Ninguém prometeu nada. Ninguém se gastou inutilmente em planos mais ou menos grandiosos. Fez-se e acabou.

Acabou, não! Com a mesma política se continua a receber e a distribuir — aquele «pôr e repartir...» que Pai Américo opunha ao mundano «pôr e repor, pôr e repor», que se houvesse sido abandonado há muitos anos (e ainda não foi, nestes tempos de socialismo barato) nos permitiria «cantar vitória».

Não sei quanto já andou este ano. Mas só dos peditórios em Coimbra e no Porto e das capas das Festas no Norte, se juntaram a passar de 470 contos — e tudo isso lá vai.

Entretanto, os que assentaram praça nesta coluna do «bom combate» e não aspiram ao licenciamento, continuam firmes como na primeira hora.

São: o Pessoal da ex - HICA com 2.763\$30; o da Caixa Têxtil do Porto com 1.817\$, «produto de 1\$00 mensal» (não seria oportuno actualizar o «desconto»?) E que pena ter sido preciso chegar a estas liberdades todas, para que o vendedor de «O GALATO» perdesse a sua velha liberdade de ali passar umas dezenas de jornais!

Berta e Jorge com 5x100\$. Odete, de Oliveira do Hospital, põe em dia as suas «quotas»: 800\$. MM - AL uma vez mais com 1000\$. E Maria Ana e Pedro com metade. Alice, com as suas «gotinhas», somou outros 500\$. Mary, 240\$ dos 12x20\$ a que se comprometeu. Alguém de Gaia («linda terra») protesta por não ver correspondência ao velho apelo («já do tempo do sr. P.e Américo») dos 20\$ mensais por licenciado. Se cumprissem, que rendazita se não arrecadaria nesta terra de doutores! Na maré dos 20\$ mensais temos a Assinante

17740, que é Mãe, mas não doutora. Mais o J. P. R., três vezes no Lar do Porto, com 500\$ de cada. (Se acaso nos não escapou alguma visita!) Quatro mil para a Casa seja louvado N. S. Jesus Cristo. Metade para a da Tia Lai. Mais 200\$ de Maria Margarida e 3.000\$ de «Uma Espanhola».

Com resposta às sugestões pedidas no «Património dos Pabres» saído em 7 de Maio passado:

Marília com mil, mais mil não sei de onde e um lisboeta com o dobro. De Portimão, 4.000\$. De Josefina e João, 1.000\$. Do Porto, 1.500\$; de Monte Estoril 1.000\$. Outrotanto, dos quais 850\$ são da Conferência Vicentina de Vila Nova de Telha-Maia. 500\$ da R. dos Combatentes, Gaia; 400\$ de Vilar Formoso. Um cheque de Lisboa («será uma espécie de prenda de aniversário pelos 80 anos de meu Pai»). Outro cheque do Porto: 10.000\$00 e «continue a despertar-nos o sentido da Justiça que Deus ajudará». De Leiria, «depois de muitas provações, quis o Senhor trazer-nos um pouco mais de tranquilidade» — 500\$. Maria Helena, 2.000\$. Maria do Rosário, mil. Quem vai esfregar as mãos é a minha «avozinha» da Ponta do Sol!

Agora passa a procissão originada pela angústia daquela Mãe de 7 filhos, que P.e Horácio revelou no jornal de 18 de Junho:

Elvira, de Lisboa, com 1.000\$. O mesmo de Trancoso. Idem de Lisboa, de um Amigo de todas as horas. Do Rio de Janeiro, Carmen com 500\$. De Leiria o dobro. Mais Lisboa com o mesmo. E a R. de Leiria em Tomar não sei com quanto. Mãe de Campo de Ourique com 100\$. Outra vez Lisboa com o mesmo. De Talia, 250\$. De Delmira, dez vezes mais. 50\$ de Setúbal, Maria da Piedade. O dobro de Deolinda. O dobro da Deolinda, de uma Amiga do Algueirão. E da Amadora, 1.000\$00.

E terminamos com uma fileira sem designação especial:

A Maria Tavares, de Ois da Ribeira, com 300\$ (e outrotanto para Calvário) e este desabafo:

«Padre Américo conseguiu, felizmente para nós portugueses, ser uma das poucas mãos que se estenderam e que vão agarrando firmemente todos os que lhes pegam. É uma solidariedade que efectivamente conduz à Verdade, à Justiça e ao Amor e Liberdade verdadeiros, sem alardes, sem sermões, unicamente com o exemplo do «eu executo» e não: nós devemos, vós deveis, eles devem fazer — que estamos fartos de ouvir.»

Cheque de 25 contos, de Rio Tinto. Três deles na Festa em Espinho. 500\$ da R. Ramalho Ortigão, Lisboa. Outra vez a capital e igual quantia do Assinante 4931. Coimbra com 100\$. O mesmo de Queluz. Idem de Lúcia. O dobro do «Pereirita». Um dólar mais 396\$50 na Festa de Vila Real. «Uma migalhinha» de mil, de E. Maria. O mesmo não sei de onde nem de quem,

Cont. na 4.ª pag.

contribuição do subsídio de férias. Aplicação o dinheiro no que fizer mais falta no momento». Mais delicadeza!

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

Miranda do Corvo

LAVOURA — Enquanto uns se encontram na praia a gozarem as suas férias, os que já as tiveram e aqueles que esperam que chegue o turno deles vão fazendo os possíveis para que a vida da Casa decorra normalmente.

Assim, o mês de Julho foi de muito trabalho (e que não poupou mesmo os que estavam em férias, na praia), devido à colheita da batata e ao tratamento da vinha.

No que respeita à apanha da batata vejo um grupo da praia para ajudar os que cá estavam, pois sozinhos não davam conta do recado.

Levantávamo-nos às seis e foi trabalhar até às nove da noite.

Um trabalho muito importante já que a batata é que nos alimenta a maior parte do ano.

Todos os nossos vizinhos se queixam do mau ano agrícola. Nós temos de dar graças a Deus pois não foi muito, muito mau. Mas foi a falta de cuidado de alguns que colheram muita batata, o que equivale a que se não for consumida depressa apodrecerá rapidamente. E os erros pagam-se, pois enquanto não gastarmos toda a batata o almoço e o jantar é à base dela.

Uma coisa que nos pasmou foi a quantidade de erva existente na vinha que, diga-se de passagem, ainda tem alguns cachos bonitos, mas outros estragaram-se devido à erva e ao mau tempo que se fez sentir.

Lá andámos quase todos e conseguimos fazer um trabalho bonito, bem feito e que pensamos que valeu a pena. Agora os nossos cuidados viram-se para o milho, que por acaso está muito bonito. Quem o tem regado é o Abílio que tem sido muito cuidadoso principalmente com o feijão, já que hoje é um produto muito caro no mercado.

Parece-me que de agricultura, por agora, é tudo.

EXAMES — Uma pequena referência àqueles que este ano completaram o Ensino Primário: Júlio, Jorge Manuel, Paulito, Chola, «Pinheiro Manso», Adelino, Albino, «Perdido» e o Fernando. Como podem ver, estudar não é só em Coimbra.

Tanto para aqueles que vão continuar os estudos, como para os que vão optar pela aprendizagem de um ofício, os votos de felicidades de todos nós.

DESPORTO — Falar de Desporto aqui em Miranda?!

Desporto há-o, mas é quando há bolas — e como agora não há bola que resista! — pelo menos quando são de borracha...

De vez em quando lá vamos fazendo uns joguinhos. Foi o caso da nossa deslocação a Semide em que o desfecho do jogo foi um empate a duas bolas.

Mas eu queria alertar os nossos leitores para o facto de não termos bola. Não se trata de as comprarem, mas por vezes há bolas em vossas casas que até estão arrumadas no sótão. Com este tempo, se não há delas cá em Casa aos recreios, em vez de jogarmos à bola deitamo-nos à sombra e quando toca a sineta para trabalhar, a vontade é muito pouca, pois com este calor...

Portanto, aqui fica o nosso pedido. Para todos os leitores um grande abraço.

Nicolau

Agostinho

O Agostinho é um amor de criança! Tem uma história, a sua história.

Evidentemente, ainda não se recompôs das condições... em que veio ao mundo e andou por lá — na Rua.

Agostinho é um dos nossos, da nossa marca — diria Pai Américo.

Olhemos para ele, de frente. Assim mesmo, olhos nos olhos, aquecendo-nos ao Fogo que irradia do rosto — espelho da alma — exactamente no soppé da nossa Capela de Paço de Sousa, no dia da sua primeira Comunhão.



Morrer é viver

Adeus, querido lar onde nasci e cresci.

Adeus, bondosa escola das lições instrutivas que aprendi.

Adeus, amigo Tareco, meu gracioso gato.

Adeus, pequenina Aldeia de trianças à beira do regato.

Adeus, doce infância dos meus sonhos de glória infindos.

Adeus, terras férteis de meus pais com os mais lindos pomares floridos.

Adeus, minha bela mulherzinha, tão generosa como os anjos.

Adeus, estimado piano dos meus longos e acabrunhados cantos.

Adeus, humilde sombra de roseira que foste repouso na minha vida.

Adeus, manso gado que em perfumados prados guardei desde aquela

[idade tão tenra e querida.

Adeus, meus jovens irmãos, tão ricamente amorosos como um tesouro.

Adeus, rio tranquilo e desconhecido de águas de ouro.

Adeus, recordações nostálgicas de tudo quanto criei para bem da huma-

[nidade.

Adeus, coração magoado dos tormentos que sofri a favor da autêntica

[verdade.

Manuel Amândio

Cont. da 3.ª pág.

com iguais quantias para o «Calvário» e «para o que der jeito».

De Portimão, «um baguinho de areia» de 500\$. De Cascais, dois mil e mais oito para outros fins.

Sobras de assinaturas, muitas. Mil de Santiago de Besteiros e outro tanto de Mariano(?), 150\$ de Alice e Fernando, 200\$ de Helena.

Cheque de 5.000\$ e esta carta:

«Eu que à custa de sacrifícios conseguí ter casa própria, acho que o auxílio que mando é pouco para aquilo que gostaria de ajudar, mas por agora é o que posso dispor e em havendo oportunidade, se Deus quiser, não me esquecerei daqueles que não têm tecto para se abrigarem ou se o têm não terão nele o mínimo de conforto por carecerem de obras urgentes.»

Mil da Praça de Quelimane — Oeiras. Rua Cidade da Beira — Olivais - Sul 3x500\$ e «tenho em pensamento participar com 500\$ por mês». Metade desta importância, de Braga. Dois mil (mais 4.000\$ para outros fins) de Lisboa, um Amigo de sempre. Mil+500\$ não sei de onde. Outros mil da Rua Firmeza — Porto. Dez vezes menos de M. L. R. e da Rua da Vilarinha. Dez contos de Faro — R. de

Berlim, com mais vinte que repartimos por Calvário e Casa.

E de uma perseguidora nossa, de Viseu, esta carta:

«Fiz anos de casada e, em vez de boda lauta e festa luzida, resolvi enviar um cheque. Embora só depois de velhos possuíssemos uma casa que já pouco poderemos gozar, gostaríamos que todos possuíssem uma sua. Por isso, esse dinheiro destina-se a ajudar um casal que lute por ter a sua casinha e tenha falta de meios. Eu sei que, hoje, 10 contos não são nada. Mas talvez, e com certeza até, outros terão iguais intenções. «Muitos poucos fazem muito.» Ai vão os meus poucos para juntar a outros poucos.

Peçam sempre por mim que sei rezar pouco, pelo menos parece-me que não sei rezar.

Só Deus poderá avaliar-me bem. Tenho desgosto de ser como sou, mas não consigo ser melhor, mais perfeita. Se só o Amor a Deus e ao Próximo é uma oração, creio que rezo um bocadinho. O que eu queria era que todos amassem muito a Deus em Cristo e ao Próximo por Cristo.

A minha alma chora com tanto desamor e com tanto ódio e imoralidade que vejo espalhar através dos meios de comunicação, tudo em nome duma liberdade que nos degrada e oprime. Que bom, se a Liberdade que Deus nos deu, como Ele a deu, fosse pregada e escutada.

A Obra da Rua é para mim um refúgio, um oásis neste deserto de cardos onde muitos só querem ver cravos e rosas. Vem O GAIATO de quinze em quinze dias para mitigar a nossa fome de Amor. Bendito seja!

Creiam-nos muito vossos amigos e devedores do muito bem que a vossa Obra e o vosso jornal nos fazem.»

Bendito seja Deus!

P.e Carlos

Papel de jornal

Os Meios de Comunicação Social alertaram a opinião pública que o papel de jornal sofrerá mais um aumento, agora da ordem dos 37%!!

A gente fica perplexo no meio desta espiral inflacionista a nível mundial — que só esmaga os Pobres...

No caso concreto do nosso jornal — não falando já do sector livreiro — consumimos cerca de onze toneladas de papel à roda do ano. Vejam bem os nossos leitores — sobretudo os que lidam com papéis — quanto iremos sofrer!

São realidades que não podemos esconder, na medida em que, habitualmente, uma percentagem de assinantes de O GAIATO, por razões óbvias, relaxam o compromisso da assinatura; muitos dos quais, acordados por qualquer badalada, vêm depois por aí fora envergonhados num mea culpa sincero e amigo que nos apraz registar.

Voltando especificamente ao papel de jornal — que só por milagre o temos conseguido, ainda que de inferior qualidade, mercê de quem nos conhece com os olhos da alma — quando é que os responsáveis do País resolverão a sua falta no mercado?!

Em recente encontro nacional sobre a produção e comercialização de madeiras, o director-geral dos Recursos Florestais afirmou: «Estão criadas as condições para se poder produzir pasta mecânica para fabrico de papel de jornal em Portugal». E acrescentou: «Havia necessidade de uma certa qualidade de matérias-primas. Ainda se mantém, de algum modo, mas, presentemente, no domínio da tecnologia de produção de pasta já se avançou muito, permitindo a não exigência de matérias-primas de qualidade como se fazia anteriormente. Hoje, dada a evolução tecnológica, já se pode

produzir pasta mecânica a partir do pinheiro». O director-geral dos Recursos Florestais frisou, também, que, «de momento, há já condições para instalar uma unidade que, pelo menos, possibilite a produção de papel de jornal para satisfação das necessidades de consumo internas».

Se «há já condições para instalar uma unidade» que satisfaça as «necessidades de consumo internas» por que se espera?!

Júlio Mendes

Uma CARTA

«Há muito que vos ando para escrever a dizer-vos que não desanimeis com a Obra que estais realizando em prol das crianças necessitadas.

Eu sou um irmão vosso que viveu muitos anos longe do Senhor, caminhando pelos caminhos dos pecadores e da sensualidade mundana o que tornou a minha alma insensível e egoísta. O Senhor chamou-me algumas vezes, mas sempre me faltou a força e a coragem para O ouvir e seguir. Hoje, dá-se o reverso da medalha, sinto as minhas faltas, estou arrependido de tantos maus procedimentos efectuados e há já algum tempo que rogo ao Senhor e a Sua Santíssima Mãe que me ajudem e me perdoem os erros cometidos no passado, para início de uma vida baseada na Fé e no Amor conseguida através da penitência e oração.

Pouco conheço da Obra da Rua pelo que grato ficarei se me for enviado algo que possa ler e verificar em que pontos vos posso ajudar aqui do exterior.»

TRABALHO

Cont. da 1.ª pág.

ou dois impressores «só com os conhecimentos rudimentares», dar-lhes ocupação imediata!

A procura de mão d'obra especializada no ramo offset é, mesmo, anunciada na Imprensa diária com certo relevo!

Chegou a hora de Deus para mais uma evolução, em benefício dos presentes e dos vindouros. Damos graças a Deus.

No entanto, a diversificação do sector de formação, em nossas oficinas gráficas de Paço de Sousa, vai exigir muito dos seus quadros. E, noutros parâmetros, dos directos beneficiários — os nossos Rapazes.

Assim todos compreendam e se corresponsabilizem na eficácia dos meios postos à disposição. Porque nenhuma obra válida nasce sem sacrifício. Mas, quando adocicado pelos resultados que traz, tem forçosamente que apaixonar.

Hoje, queríamos ficar por aqui, não fosse termos lido um pequenino excerto de recente alocução do Santo Padre, em Castelgandolfo:

«As novas gerações têm necessidade de trabalho. Precisam de se dedicar a uma actividade que assegure a dignidade da sua vida, que lhes permita ganharem honestamente o pão e prepararem-se para um futuro animador que corresponda às suas legítimas aspirações.»

É a nossa missão. Mãos à obra!

Júlio Mendes

CARDEAL CEREJEIRA

Continuação da PRIMEIRA página

Não foi, pois, sem saudade, embora sem surpresa, que nos deixou no mundo este nosso Bispo. Para ele foi a libertação do purgatório dos seus últimos anos. A nossa pequenina experiência permite-nos compreender o acinte das dores que nascem no coração ferido pelos de dentro sobre as que provocam os de fora. Que martírio não terá sido a crise dos Seminários, do Clero — a sua grande paixão! De outros enxovalhos em que os derradeiros anos foram pródigos — isso são vozes vazias que nem têm história... Mas que sofreu, sofreu — com uma verticalidade, com uma paz profunda de que só são capazes as almas que vivem da Fé, os Homens de Deus.

Que a sua bênção continue do Céu, como nunca nos faltou enquanto na Terra.

Padre Carlos

Partilhando

Cont. da 1.ª pág.

e há que fugir para um abrigo. Uma paragem forçada, por causa da chuva. Outras paragens na sulfatação acontecem, porque as nossas máquinas estão a ficar velhas. Por isso o vinho tem mais «pó».

Mas voltando ao Alvaro, a chuva passou e ele e parte do grupo desdobraram-se para uma «sorna» bastante demorada. Os outros reclamavam e com justiça — «Há um castigo. Não tra-

balharam tudo, não têm direito à refeição toda». O grupo todo! Menos o Alvaro que é novo nestas andanças. Vem logo o Neves à carga: — «E o que está cá de novo, também fica castigado?!» O Alvaro foi comer a refeição toda.

Os advogados da justiça nem sempre são os adultos, nem os especialistas. As crianças. O Neves. E tantos outros.

Padre Moura

O óbulo da Viúva

Veio da Senhora da Hora. Ora ouçam:

«Dou graças a Deus por mais uma vez cumprir com o meu dever de pagar a assinatura do nosso querido O GAIATO. Pois é sinal de que sou viva e que ainda posso pagar, apesar das dificuldades.»

Também dou graças a Deus por as dificuldades já serem menores, visto que fui aumentada no meu subsídio que recebo do Montepio do Estado.

Como disse o ano passado, meu marido era funcionário do Estado, e, agora, já recebo mais 275\$00 por mês. Totaliza, portanto, 997\$00.

Deus dê saúde aos meus queridos filhos, que me têm valido.

Peço a Deus, também, para ajudar e abençoar essa grande Obra que tanto admiro.

Envio 50\$00 pela minha assinatura.

Peço-lhes o favor de rezarem um Pai-Nosso pela alma de meu marido, que tinha o nome de António.

Desde já lhe fica muito agradecida a assinante desde o ano de 1951...»

Oh cartal



Director: Padre Carlos Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Administração: Casa do Gaiato — Paço de Sousa — Telef. 95285
Composto e impresso nas Escolas Gráficas da Casa do Gaiato — Paço de Sousa